

A mulher na literatura de cordel: uma abordagem léxico-semântica

Rita de Cássia de Oliveira
Universidade Federal do Ceará

ABSTRACT: *Having as reference one text from the cordel literature, we intend, with this work, to make a brief analysis of the most recurrent designations, given to women, taking into consideration their profession/occupation, and the possible reasons subjacent to them that justify the choice for such lexemes by the popular poet, considering geographical, social and cultural variables.*

KEY WORDS: *women; lexicon; cordel literature.*

Este trabalho é uma pequena amostra da pesquisa que estamos desenvolvendo para a dissertação de mestrado, que tem como objetivo analisar os processos léxico-semânticos bem como verificar as estratégias e mecanismos lexicais utilizados por poetas nordestinos da literatura de cordel e suas implicações na designação da mulher, considerando sua profissão/ocupação. Para isso, pretendemos estudar a produção de três poetas do início, três dos meados e três do final do século XX, dos estados de Pernambuco, Ceará e Paraíba, num total de vinte e sete poetas e cinquenta e quatro obras.

Sobre a literatura de cordel e seus leitores, compartilhamos com a opinião de Orígenes Lessa:

O grande segredo da literatura de cordel talvez seja e deve ser – a sua participação no mundo ao qual se dirige. O folheto popular não é uma leitura alienada ou de simples lazer. Consegue ser algo mais. É a voz do povo em linguagem do povo. É veículo, interpretação e defesa de seus interesses, problemas, temores, protestos. Daí a sua espantosa sobrevivência numa luta desigual contra poderosos e sofisticados veículos de massa que disputam seu humilde mercado. (Lessa: 1983:1)

Sobre seus autores, sabe-se que os poetas populares, principalmente, os que produziram no início e nos meados do século passado são, em sua maioria, analfabetos ou semi-analfabetos, mas demonstram possuir domínio das regras básicas de funcionamento da língua, utilizando-se, com maestria dos recursos que esta lhes oferece.

Para esta amostra selecionamos o folheto “A mulher do cabaré”, de caráter depreciativo, do poeta José Costa Leite¹, no qual ele descreve as características e relata as espertezas da mulher que opta por esta profissão como forma de ganhar a sobrevivência. Embora a palavra profissão possa parecer não aplicável ao caso, não se pode contestar o que nos diz Manoel Monteiro, poeta popular paraibano da atualidade, sobre o assunto, na estrofe seguinte:

*Por isso mesmo há quem diga/ O que tem um certo
nexo/ Ser o comércio do sexo/ A profissão mais antiga/
Sendo assim, ser rapariga/ É profissão pioneira./
Defendendo uma rameira/ Jesus disse resolutivo/ Quem
não gostar do produto/ Atire a pedra primeira. (s.d)*

Isto posto, adotaremos o conceito de léxico como sendo “o conjunto das palavras lexemáticas de uma língua” (Vilela: 1979,12) e utilizaremos o termo lexema para estabelecer a relação língua-realidade extralingüística” (Vilela: 1979,15).

Pretendemos fazer uma breve análise das designações mais recorrentes no texto e as possíveis razões que justificam a escolha de tais lexemas pelo poeta, considerando as variáveis: diatópica, diastrática e diafásica.

Passemos ao estudo, tendo como ponto de partida as três estrofes iniciais do poema :

(1) Da **mulher do cabaré**/ Tudo pode se esperar/ Na arte de seduzir/ Tira em primeiro lugar/ Com seu gesto sedutor/ Só fala em fazer amor/ Mas não sabe o que é amar.(p.1)

Já na primeira estrofe o poeta popular deixa clara a sua concepção sobre a mulher que desenvolve esta ocupação. Dá-lhe a primeira denominação **mulher do cabaré** e se aproveita da expressão **fazer amor**, muito usada nos meios de comunicação, para a criação do trocadilho **Mas não sabe o que é amar** que empresta, pela oposição de sentido provocada, graça e beleza ao verso, além de funcionar também como apelo a despertar a curiosidade para leitura, valendo-se assim, do trocadilho como base argumentativa de persuasão.

(2) **Meretriz** usa a cabeça/ Se enfeita e fica bela/ É igual a ratoeira/ Que vive no canto dela/ Toda cheia de aparato/ E não corre atrás do rato/ Mas o rato é quem cai nela. (p.1)

Nesta estrofe a mulher é designada pelo lexema **meretriz** que, segundo o Novo dicionário Aurélio:

Meretriz. [Do lat. meretrice.] S. f. Mulher que pratica o ato sexual por dinheiro; mulher pública. [Sin. (muitos deles bras., pop. ou de gíria; outros, lus.); prostituta, loureira, marafona, messalina,, rameira, cortesã, puta, mariposa, mulher à-toa, mulher-dama, mulher da rua, mulher da vida, mulher da zona. (...)]

Diante do significado que comporta, a escolha deste lexema, para designar a mulher, quase força o emprego da expressão “**usa a cabeça**” (é inteligente), para caracterizar o objeto socialmente e, também, convencer o leitor .

(3) O amor da **prostituta**/ No Brasil de Sul a Norte/ É folha seca no vento/ Numa tempestade forte/É coisa baixa e banal/ Tem cheiro de hospital/ Ou o sobejo da morte (p.1)

Na terceira estrofe a mulher é designada pelo lexema **prostituta** a partir das características do seu amor que, no caso mais específico do Brasil, é não estável (é folha seca no vento); violento, mas fugaz (numa tempestade forte); desvalorizado culturalmente (é coisa baixa e banal); provoca doenças e pode acarretar a morte (tem cheiro de hospital ou o sobejo da morte).

Estas três designações são recorrentes e se alternam no poema de José Costa Leite, todas profundamente estigmatizadas pelo ranço sócio-histórico-cultural, reiterado por forte adjetivação, ora como adjunto adnominal, ora como predicativo ou, ainda como expressões, nas quarenta e cinco estrofes do texto.

Feito um levantamento destes adjetivos/ expressões, a expressão que dá título ao texto, “mulher de cabaré”, apresentou o maior índice de ocorrências, em seguida o lexema “meretriz” e,

1. José Costa Leite nasceu em Sapé (PB), em 1927 e mora em Condado(PE).Começou a publicar seus versos em 1949. Autor de intensa produção que escreve sobre diversas temáticas.

por último, “prostituta” com quase o mesmo número de ocorrências do anterior. A título de exemplificação citamos alguns.

Para “mulher do cabaré”, dentre outros adjetivos/expressões o autor registra:

Tudo se pode esperar (dela)/ Na arte de seduzir tira em primeiro lugar/ Gosta de quem é bandido/ É falsa e traiçoeira/ Não se pode confiar (nela)/ Vive de enganação/Gosta de malandragem/Engana o homem casado/ Toma dinheiro de um para dar ao outro (namorado - gigolô)/É vendida todo dia/ Despacha a freguesia/Vende a sua matéria/ Classe que nem todos quer saber/ Não descarta freguês/ Explora a quem lhe dá mais atenção/Cada uma mente mais/ É calculista, sedutora, vigarista/ Sem caráter e sem virtude/ Vive entre a chaga e o pus/ Usa truques e manhas para ganhar o dinheiro da feira...

Para meretriz, dentre outros adjetivos/expressões, o poeta registra:

A meretriz vagabunda só gosta de gigolô/ Pensa ser sagaz/ Toma dinheiro de um para dar ao camaradinho /Falsa, desgraçada, traiçoeira/ Não considera ninguém/ Com homem idoso bota pra derreter/ Tem por fraco o dinheiro e o gigolô/ A que mais se estima é a mais falsa que tem/ Meretriz do cabaré nunca gostou de ninguém/Transa com rapaz novo sem que ele pague/Diz que não tem pena de homem e só quer o fim dele...

Para prostituta, dentre outros adjetivos/expressões estão registrados:

Ambiciosa, faz tudo por dinheiro/É profissional engana até satanás/ Faz seu plano/Agarra-se com ladrão que bate em mulher/Ama quem não a ama/Só quer quem não lhe quer/Dorme com assassino, ladrão, trambiqueiro profissional/Sai com o gostoso que nada lhe dá/ Vende-se/ É calculista, de triste conduta, vigarista, desconfiada e astuta/ Vive de enganar/ Ninguém consegue satisfazer a sua fome/Tem dois homens: o gastoso e o gostoso.

Paralelo a esta adjetivação, há ainda, no emprego da linguagem figurada, através das comparações e metáforas, uma intenção subjacente do poeta de alinhar a conotação destes lexemas aos valores sócio-culturais machistas vigentes no Nordeste, emprestando com isso um caráter irônico ao texto, mas sobretudo, deixando transparecer intenções de cunho avaliativo, conforme exemplificam os versos:

Meretriz usa a cabeça (...)/É igual uma ratoeira/ Que vive no canto dela/Toda cheia de aparato/ E não corre atrás do rato/ Mas o rato é quem cai nela(p.1)

O amor da prostituta/É folha seca no vento/Numa tempestade forte/ É coisa baixa e banal/ Tem cheiro de hospital/ou o sobejo da morte(p.1)

A mulher do cabaré/Tem parte com o satanás(...)(p.2)

Prostituta tem um ímã/ Além do ímã é sagaz/ A mulher profissional/ Engana até satanás/ O homem entra na festa/ sabe que ela não presta/ Mas vive correndo atrás (p.3)

A mulher seduz o homem (...)/ A danada joga o laço/ Até que o sujeito cai (p.6)

A mulher do cabaré/ Mostra o seu rosto na praça/ No micróbio do pecado (...)/ Vendendo a sua matéria/ E às vezes dando de graça (...)

(...)É uma classe onde muitos/ Não querem nem saber delas O que elas comem é chorado/ Das casadas e das donzelas (p.8)

Triste da mulher casada/ Que tem o marido “andejo”/ Vivendo no cabaré/ Atrás de beijo e sobejo/ Metido a gavião/ Comprando sem precisão/ “Carne podre” no varejo (p.9)

A mulher do cabaré/ É vendida todo dia/ Na balança do pecado/ Despachando a freguesia/ Apaga o fogo e acende/ A todo mundo ela vende a mesma mercadoria (p.9)

(...) Ninguém consegue matar/ A fome da prostituta (p.10)

A mulher do cabaré/ É como uma escarradeira/ Onde todo homem vive/ Escarrando a vida inteira (...) (p.10)

Mulher do cabaré vive/ Entre a chaga e o pus/ É igual a uma goiaba/ Que o cheiro nos seduz/ A pessoa pega nela/ E quando se parte, ela/ Está cheia de tapurús (p. 10)

Após estes dois levantamentos, cruzamos com a ocorrência em folhetos da mesma temática para testarmos o grau de aceitabilidade dos lexemas em questão e percebemos que são bastante recorrentes neste tipo de literatura.

No entanto, o uso não é irrestrito ou aleatório, antes sofre uma sanção ética determinada pelos costumes; há preferência por um lexema em detrimento do outro em função do significado que comporta, conforme veremos nos parágrafos seguintes.

O significado de “mulher do cabaré” tem caráter generalizante, abrangente e incorpora a noção de classe ou categoria profissional.

Assim, apostamos na possibilidade de uma intenção subjetiva do poeta de avaliar a todas, indistintamente, que ganham a sobrevivência com esta profissão. No texto, seria um hiperônimo. Em outro contexto, no trabalhista, por exemplo, não se aplica, pois a prostituta ganha a preferência para designar a categoria profissional por ser mais erudito (associação das prostitutas). Nos versos selecionados abaixo, esta idéia de generalização está marcada no lexema “classe”, na expressão “mulher do cabaré”, sendo, ainda, reiterada pelas formas remissivas não-referenciais livres₂ (Koch:1996,p.37) representadas pelos pronomes pessoais de 3ª pessoa: ela, elas e pelos pronomes indefinidos toda, todas, cada qual.

É uma **classe** onde muitos/ Não querem mais saber **delas**/ E **elas** vivem explorando os que dão atenção a ela (p.8)

Da **mulher do cabaré**/ **Cada qual** que minta mais/ **Toda ela** quer ser boa(...)/**Toda ela** é calculista/Sedutora e vigarista/ **Todas elas** são iguais (p.8)

Meretriz e prostituta se alternam e, onde comporta um comportaria o outro, não fosse a preferência do uso por “meretriz”, tendo em vista ser este lexema mais popular. No jargão policial, por exemplo, é comum a expressão “baixo meretrício”, mas “baixo prostíbulo” não se aplica. Percebe-se ainda que, na literatura de cordel, mais notadamente, na abordagem da temática prostituição, há uma preferência em designar a mulher através do lexema cujo conteúdo é mais marcado depreciativamente como é o caso de meretriz.

Por outro lado, este texto do poeta Costa Leite, escrito sob um ponto de vista puramente masculino, denota fortes evidências emotivas. Constituindo-se um depoimento (ou quase)

2. Segundo Koch, formas remissivas não-referenciais livres são aquelas que não acompanham um nome dentro de um grupo nominal, mas que são utilizadas para fazer remissão, anafórica ou cataforicamente, a um ou mais constituintes do universo textual. A estes ficaria reservada a denominação genérica de “pronomes” ou de “pro-formas”. Dentre as formas que a autora cita, estão os pronomes pessoais de terceira pessoa e os pronomes substantivos indefinidos.

do autor a emotividade interfere diretamente na escolha do lexema para designar a mulher, conforme podemos observar:

É igual a uma ratoeira (...) / E não corre atrás do rato / O rato é quem cai nela (p.1)

(...) O homem entra na festa / Sabe que ela não presta (...) (p.3)

(...) Mas de um homem direito / Que às vezes suja seu nome / E sai com a vagabunda / Tudo o que ele tem ela come (...) (p.4)

(...) Eu já sei ela quem é (...) / Se eu dou o pé, quer a mão / Se eu dou a mão, quer o pé (p.5)

(...) Eu mesmo gostei de uma / Que se assina com “jota” (p. 8)

Por fim, considerando a língua uma construção sócio-histórica-cultural que se reflete mais diretamente no subsistema lexical, este por sua vez vai determinar o discurso dos falantes desta língua.

Dessa forma, as designações dadas à mulher por poetas populares da literatura de cordel, repassam em seus significados, os valores culturais da sociedade em que estes vivem. A isto acrescentamos o que afirma Silva:

Evidentemente, a escolha do vocábulo é sempre determinada pelo grau de cultura do locutor, refletindo com nitidez o seu dialeto social e regional; mas também é fortemente determinada pelas suas intenções na busca de efeitos expressivos e estéticos, sendo fator importante na produção de sentido e na opção estilística. (Silva: 1994, 68)

Referências bibliográficas

- KOCH, Ingendore Grunfield Villaça. *A coesão textual*. 8ªed. São Paulo: Contexto, 1996, p. 37.
- LEITE, José Costa. *A mulher do cabaré*. Recife: Editora Coqueiro, s.d.
- LESSA, Orígenes. *Nota introdutória*. In: *O cordel e os dismantelos do mundo*.Org. Orígenes Lessa e Vera Lúcia de Luna e Silva. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1983, p.1.
- MONTEIRO, Manoel. *A maldição dos pés: preto, puto e prostituta*. Campina Grande.s/d., p.15
- SILVA, Vera Lúcia Luna de Lima. *A tessitura poético-gramatical de um autor popular: Leandro Gomes de Barros*. Tese de douramento. USP,1994.
- VILELA, Mário. *Estruturas léxicas do português*. Coimbra: Almeidina, 1979, pp. 12 – 15.